

A morte dá muito que pensar. Por não poder ser recordada, nem relatada por outrem, a morte encerra-se num mistério extremo, numa impenetrável teia de trevas.

Trata-se aqui de estar morto. Nada que ver com o ir morrendo ou desfalecer dia após dia. Nem mesmo com uma daquelas mortes – que, no final de contas, são mortes inócuas e irrigúrias, dada a natureza reversível – que nos podem ou não acontecer e repetir-se no decurso da vida. Sem que nos demos conta de que, entre os eventos, ressuscitamos, em pleno apoquentado quotidiano.

O que aqui se nomeia de morte é tão inominável como a ideia do Divino. Não é passível de se fazer ciência desse material, senão de o tomar como objeto de crença. Não é algo visível, tampouco palpável. É, na verdade, um vazio sem forma, em que de nenhum contorno se lhe pode começar a constituir corpo ou a espelhar-se qualquer centelha que nos dê uma tépida esperança de existência.

É mais assustador do que isso: é um poço sem princípio nem fim, é uma fossa sem fundo, nem outro final que nos ampare que não um grande nada. O não haver ninguém a quem se possa chamar a atenção. Uma porção de terra a que nem a modernidade, munida de *Google Maps* e GPS, conseguiu encontrar maneira de mostrar

aos arrepiados olhos dos vivos. Uma porção de terra que, na realidade, se revela a falta dela.

Sem tempo nem espaço, os mortos são tidos por amontoados uns por cima dos outros. Com a diferença de que nenhuma gota de sangue ou suor lhes provoca incômodo. Não fazem fila, nem têm pressa (alguns dos suicidas, porventura, terão) para encontrar o seu sítio. Porque sabem que este sítio secreto – apesar de nunca sabermos o que é ao certo – nos estava assegurado desde a nascença.

Durante o tempo em que estiveram vivos, os que agora se encontram mortos tiveram oportunidade de assistir ao espetáculo do mundo. Com direito a acomodar-se em vários lugares, de modo a apreciar o cenário de vários ângulos e perspectivas. Desde o lugar da frente, até à última fila, passando pela obrigação de se pôr em bicos de pé para tentar acompanhar – se possível, perceber – o que se passava em cena. O espetáculo, tal como o lugar, também foi variando, segundo uma sequência que nem sempre teve sentido. Perante esta panóplia, riram, choraram, riram de tanto chorar e vice-versa. Aturdidos por mudanças súbitas ou pelo que parecia permanecer mais do que, num primeiro momento, seria suposto, jamais estiveram a postos para dar lugar aos outros. Afinal, não cabemos cá todos e, mais ou menos velhos, todos teremos que dar lugar aos novos, aos chamados vindouros. Para renovar a velhacaria de virmos a esta vida. Mas também para que se tenha posto fim à idade do fogo e levado a cabo os devidos póstumos progressos à descoberta da roda.

Hoje em dia, rimo-nos do deslumbrê do homem que descobriu a roda e das primeiras gerações que faziam

frente ao frio e à fome com o atear do fogo. Agora, tornamo-nos tão fortes como o fogo e a roda serve para aterrarmos o pássaro por nós criado, com que nos levar a lugares que, para os nossos antepassados, esses atrasados, estavam irremediavelmente longe. Somos modernos, tão modernos quanto modestos – já nem cremos que tal transporte se constituía um luxo, antes um costume democrático ao alcance de qualquer bolso. Deixamos de nos vestir para viajar. Até o fazemos em contraposição às práticas de antigamente, ostentando bermudas e chinelo de enfiar no dedo.

– Agradece-se – exclama, a uma só voz, a nova turma de emigrantes que deixou de sair do país em busca de melhores condições de vida, senão de uma vida que pareça ser mais do que uma vida, por através do mundo inteiro poder ser vivida. Turma que atualiza o fito de emigrar para (dizem) enriquecer o espírito. Viajando através do amplo livro do mundo.

Rúben, à guisa de guia para esta geração de emigrantes que, dado o anglicanismo dominante, se autointitula de expatriados, será a referência da narração que se segue. Ele é um desses ambulantes casos. Ao fim de quase nove anos fora, muitas e distintas foram as pátrias que visitou. Muitos bilhetes tirou para tudo o que é sítio.

Ainda que a expressão “tirar bilhetes” soe-lhe estranha, pertença de uma estrada que terá percorrido nalgum passado remoto e que agora tresanda a naftalina e mofo. Eventualmente na infância, nalguma camioneta, em que a única bilheteira era a mão transpirada do motorista.

Isto em Portugal. Tratando-se de lá fora (expressão que, nas vésperas de completar nove anos no estrangeiro,

já não lhe parece consentânea), é sempre comprar bilhete. Seja nas máquinas ou nas mãos de motoristas que falem inglês ou num idioma que lhe seja completamente desconhecido.

Tanto faz. Entenda-se melhor ou pior o mundo dos outros, tudo nos acaba por acontecer. Até estar, pela primeira vez, a caminho de Portugal sem ter tirado (corrijo: comprado) bilhete de volta. Uma viagem de ida e que, por isso e de momento, não parece ter saída. Uma viagem por um tempo indeterminado, como se nos apresenta a morte. Por esse túnel sem começo nem termo. Por esse túnel sem tempo e de que Rúben tem medo.

Uma casa não é apenas constituída pelo que se encontra entre as quatro paredes. Nem por aquilo que está paredes-meias. Uma casa é o conjunto de tudo isso e também os respetivos caminhos mais ou menos diários, de saída ou de volta a casa.

Esses caminhos podem – na verdade, devem – ser distintos dos nossos vizinhos. Quanto mais distintos, mais vivemos longe dos que são tidos como nossos vizinhos. Por mais que estejamos obrigados a vê-los e ouvi-los da janela ou da varanda; ou a ser vistos, dependendo de quem tenha menos vida própria e mais se ocupe, à falta de melhor entretenimento, com a dos outros. Um vizinho do Sul da Europa carateriza-se por um vivo interesse na vida alheia, cultivando frequentemente um conhecimento que, por vezes, supera o por nós possuído sobre o nosso dia a dia. Ao invés, o vizinho do Norte da Europa é um velho desconhecido de que pouco ou nada ouvimos falar, até à manhã em que, contra todas as expectativas assentes no seu salário e no carro que conduz e com o qual leva as quatro criançolas à escola, descobrimos que deu um tiro nos miolos ou que colecionava cadáveres de cães vadios num quintal que, por sinal, também é o nosso.

Voltemos, contudo, a nossa atenção para as casas, por nos parecer menos complexo assunto que os nossos

longínquos vizinhos do Norte da Europa. Dada a natureza extensiva das casas, também as assoalhadas que as constituem são maiores do que aparecam a olho nu e, acima de tudo, a olho néscio. Tal como os respetivos imprevistos vizinhos, também a natureza das assoalhadas é assunto longo. Concentremo-nos no quarto.

Por quarto referimo-nos ao lugar de recolhimento. Como se fosse uma parte particular da casa, com um estatuto diferente, por estar-lhe destinado dormir e o sagrado direito ao descanso, algo a que os demais residentes têm o dever de respeitar, de assegurar sossego, a menos que se apresentem com um devido e válido pretexto. É até preciso – pelo menos, pede-se – bater à porta. Primeiro, para interromper e segundo, caso se obtenha licença, para se entrar. Não se passa o mesmo na sala ou na cozinha por se tratarem de espaços compartidos, em que todos têm igual direito – o que, na prática, quer sempre dizer que tem mais direitos quem melhor se impõe. Resta a casa de banho, assolhada afim ao quarto, por também aí reinar a norma de entrar um de cada vez, por quase nada haver por aí que se faça a dois ou em grupo. Mas fiquemos por aqui.

Voltemos, de novo, ao quarto. Que é onde, sobretudo, dormimos. Dormir é a atividade mais disfarçável, uma vez que não precisamos doutra coisa senão do nosso próprio corpo para podermos – e mais importante – parecermos estar a dormir. Basta estarmos calados e, de preferência, quietos e de olhos fechados. Há quem ressone e há quem o saiba simular, para não haver dúvidas de que não se está acordado e evitar que alguém se atreva a abrir a porta. Dormir é, sobretudo, descansar. Ou não é dormir bem. No entanto, pode-se descansar sem dormir.

Desconectar. Mas o melhor é poder dormir sem ter passado muito tempo a adormecer e poder ficar na cama um bom bocado depois de acordar, de preferência sem ter que prestar contas a ninguém. Hoje em dia, podemos permitir-nos a esse prazer quando fazemos férias. Um dia típico deste ciclo consiste em passar as horas de sol a tirar *selfies* com edifícios de que, mais tarde, se vão comprar réplicas, miniaturas ou magnéticos para colocar no frigorífico, e a noite num bar com música ao vivo, a ouvir uma banda que forja a música nativa para deleite dos que estão de passagem e que os aplaudem por não terem que os gramar no dia seguinte.

O oposto desta circunstância chama-se insónia. Trata-se também de uma viagem, sem que, no entanto, se saia do quarto. Pode-se, ainda assim, sair da cama. Levantar-se, assomar-se à janela, caminhar entre as quatro paredes. Para cansar o corpo e chamar o sono.

O quarto é, no final de contas, o conjunto de horas que estivemos acordados, antes de adormecer e após acordar. O total de letargia. Das horas que passamos a dormir, como em tudo o que não armazena a memória, apenas ficará o nadinha de nós que fomos capazes de deixar no imenso tempo do universo. A única maneira de perpetuar as nossas horas de sono será se, porventura, morrermos a dormir. De nós dirão que tivemos sorte, foi-nos dada a fezada de sermos levados enquanto estávamos sob o jugo do sono. Mas essa não é uma memória, senão um relato dos outros. E os relatos dos outros, tal como as respetivas memórias, estão repletos de mentiras. Mas como pode o pobre do morto defender-se das mentiras de que será constituída a banda-sonora do seu funeral?

O mais afim às horas em que estivemos a dormir e que não recordamos são as horas em que, de tão doentes, estivemos de cama, rodeados de mulheres e de remédios. São ambas horas horizontais. Em que o mundo deixa de ser redondo para ser um horizonte horizontal. São o dia a dia de quem pernoita e se desperta na mesma posição, deitado.

Pode parecer a mesma posição, semelhante falta de pompa e circunstância. Ainda assim, se pararmos para pensar – que é a única forma de pensarmos bem, com exceção do encadeamento de pensamentos que nos acontecem andando – é bastante diferente estar deitado no quarto onde crescemos e em qualquer outro. Os quartos de hotel, por mais estrelas que os separem nas brochuras e menos de assemelha às cidades onde se encontram, são todos sobremaneira parecidos. Comungam o anonimato de não pertencerem a ninguém e de terem dado abrigo a todo o tipo de gente, com todos os propósitos possíveis. Nada que dê nojo a Rúben. Trata-se de um dos seus passatempos preferidos: recostar-se a pensar em quem antes ali esteve e porquê. Assim dito, pode parecer que é uma prática afim à de contar carneiros, a fim de chamar a si o sono e sacudir a insónia. Nada disso. É apenas um prazer tão inocente quanto a preguiça. Mais digno do que tirar fotografias ao lado de nativos, como se fossem criaturas exóticas, bichos bizarros ou animais de zoo.

Rúben, quando viaja, desfruta das insónias. Toma-as como uma recuperação dos tempos em que não trabalhava e podia-se dar ao luxo de se deitar tarde e entregá-las à partilha de delírios e segredos entre a sua cabeça e a almofada. Vê viajar como o regresso ao período idílico

em que o tempo não está condicionado pelos horários do quotidiano mundano e todos os minutos são autênticos – por se poder confrontar com o finito tempo humano.

Na infância eram estes os moldes do dia, durante o ano inteiro. Aos domingos era tremendamente atroz. Agudizava-se. Uma odisseia de insónias. Alucinante. Extensa, parecia durar tanto quanto a eternidade. Só lograva adormecer ao sentir os primeiros raios da manhã, ao escutar as primeiras pessoas a falar na rua. Posto isto, recolhia-se. Um insone embaraçado. Idêntico ao criminoso. Adormecendo, lado a lado com o consumado delito.

Agora Rúben acaba de acordar no quarto onde cresceu. Ainda que não dê por ela, demora mais tempo – que o habitual, leia-se – a acordar. O tecto, tirando uma ou duas pequenas manchas de humidade, nada mudou, detém-no, hipnotiza-o. Durante uns bons minutos, contempla-o como a um oráculo que lhe revela como será o seu regresso.

Em tudo o resto, o quarto nada mudou. Nem a casa. Continua desabitada. A haver alguma novidade, talvez os cartazes políticos que o avô terá deixado na sala. O tema é o mesmo dos anos anteriores: abaixo o governo, menos poder para os canalhas aka capitalistas e mais para o povo. Demagogia de voto, *déjà vu*.

A casa, no entanto, não cheira a velho, nem os móveis estão cobertos de pó ou carcomidos por caruncho. Todas as semanas, Mariya, a empregada doméstica oriunda da Ucrânia, faz uma limpeza valente.

– É uma máquina. Esta gente do Leste para trabalhar – gabava o avô. – E o melhor, já lá dizia a tua avó, é que leva pouco.

Devia ser esse o motivo por que apenas visitava a casa uma vez por semana. Segundo as línguas das vizinhas, Mariya satisfazia homens no quarto onde Rúben dormia.

– Isso é tudo treta. Ela não precisa de segundo emprego. Ao contrário de outras, a Mariya não tem família para sustentar, nem vícios de vodka, nada. As pessoas é que lhe têm mania por ser do Leste. Eu espero é que aquilo dê a volta na Ucrânia e ela possa voltar a casa, coitada. Ela tem estudos. Era dentista. Ou higienista oral, sei lá. Mas, pronto, teria pena de a ver ir-se embora. Quem sabe se ainda a conheces?

– Quem sabe? – respondeu Rúben, recebendo as chaves das mãos do avô e que morava no andar de baixo.

*

Rúben começou por ser chamado Rúben da Recosta. Mais tarde, durante os anos da Universidade, passou a ser conhecido na capital como Rúben do Barreiro. Hoje é um ilustre desconhecido, cujo único rastro são as realidades bizarras das fotografias que, de vez em quando, publica nas redes sociais.

Recuemos, por ora, aos primeiros tempos que passou fora de Portugal. Não muito longe do país, a uns quinhentos quilómetros de distância, em Madrid. Coisa que, para um povo que não faz fronteira com nada senão com o oceano, pode parecer distante.

Foi em Madrid que, pela primeira vez, conviveu diariamente com estrangeiros. Tudo gente que, com o tempo, já se sentia parte da mesma casa, o espaço da União Europeia. No início, como é praxe da novidade, Rúben não

se incomodava com a pergunta que, mais cedo ou mais tarde, sabia estar destinada a chegar-lhe aos ouvidos:

- *Y de que parte de Portugal eres?*
- *De Barreiro.*
- *Pero en qué parte del país si queda tu ciudad? Cerca de la capital, del Oporto o del Algarve?*

Perante a persistente pergunta, Rúben irritava-se. Ao fim de algum tempo, decidiu simplificar este diálogo e resumi-lo ao estritamente necessário, dizendo que era oriundo “*de las afueras de Lisboa*”.

Mas havia quem fosse verdadeiramente curioso ou tivesse estado em Lisboa (“*Esa ciudad linda, linda. Preciosa. Aparte de los ladrones en la calle, pero bueno*”) e lhe perguntavam como se poderia ir da sua cidade até à “*guapísima*” capital portuguesa.

- *En barco.*
- *¿En barco?* – repetiam, incrédulos.

O barco era outra pedra no seu sapato.

- *¿Qué es?* *¿Una isla?*

Um cubano, de olhos e boca abertos, mostrou-se sinceramente interessado nessa cidade, como se encontrasse numa irmandade:

- *¿Una isla?* *Así como la mía?*
- *Casi. En lo que es la gente.*

Agora era o cubano, ainda de olhos escancarados, que estava incrédulo:

- *¿Cómo que la gente?*
- *La gente, es decir, más bien el ayuntamiento.*

E o cubano, que ainda há dias lhe contara que conseguira visto para sair do seu país como membro de uma banda de salsa e que tinha o regresso a casa hipotecado

durante os próximos dez anos, fechou os olhos, a boca, franziu a cara toda, indo a irmandade por águas abaixo.

Menos mal que esta situação de desconsolo era uma exceção na relação de Rúben com os estrangeiros. Com os restantes, o estatuto de português – anos antes do conceito pecuário-económico de PIGS – ainda era aceite, sem grandes dissabores ou espinhos.

Espinhos conheceram Rúben e os seus colegas do ensino secundário quando decidiram organizar uma excursão à Serra da Estrela. Todas as residenciais, ao darem conta de que se tratava da infame fauna barreirense, recusaram abrir as portas.

– Lamento, mas afinal estamos lotados nessa altura do ano, aliás no mês todo e no próximo também. Peço desculpa por ter confirmado, enganei-me, estava a consultar o calendário do ano anterior.

Desconfiados, alguns professores decidiram ligar de novo. Nenhum revelou donde vinham nem nenhum recebeu entraves de espécie nenhuma.

– Fascistas! – berravam os mais exaltados.

– Eu sei porque nos estão a barrar – reconheceu um dos professores que até então se encontrava de cabeça perdida. – É que, há alguns anos, uma escola cá do sítio fez uns estragos, digamos, enormes. Daqueles que não se esquecem.

A fatura continua. Apesar de muita coisa ter mudado. Rúben não gostava dessa ideia de mudança. Considerava que as pessoas – pelo menos aquelas que, entre uma olhada ou outra ao *smartphone*, ainda têm um intervalo para se dedicar à introspeção – não mudam, mas redescobrem-se e, nesse processo, renovam-se. Até

assumirem serem o que sempre foram e que se encontrou sob auto-repressão.

O seu bairro também mudara. Tinha agora a cara lavada e uma marginal onde se podia passear a pé e na ciclovia. Rúben não aprendera a andar de bicicleta na infância e a idade adulta também não lhe dera esse ensinamento. Nada tinha contra o ciclismo, apenas detestava a arrogância de alguns ciclistas que se consideravam *cool* e mais queridos à ecologia do que os comuns mortais, pelo simples fato de darem ao pedal meia hora por dia. Quem diz ciclistas, diz vegetarianos. Rúben, por uma mera questão de paladar, quase não comia carne. Se ainda não chegara à abstinência, teria certamente que ver com a vontade em não querer equiparações com a escumalha que se envaidece a comer vegetais, como um novo-rico enfarda lagosta na esplanada por onde passem amigos e conhecidos.

Rúben não tinha qualquer rancor para com nenhuma destas estirpes. Con quanto fosse senhor das suas escolhas, não tinha nada com que se preocupar. A única coisa que lhe perturbava a vista era uma certa esplanada que já não existia, que lhe era eterna e cuja ausência doía-lhe como um luto. Rúben não sabia se a esplanada ainda existia na memória de outros indivíduos ou se ele era a última viva memória. Sabia, sim, que esta esplanada dera lugar a um centro de saúde.

*

Mas que tinha esta esplanada de tão especial? Tão especial, tão espampanante, para que o espírito de Rúben decretasse-lhe tamanho luto?

Começara por ser o lugar onde tomara um par de tragos de whisky antes de subir para o palco do teatro. Ao contrário dos outros atores (amadores, entenda-se, não vá a palavra cobrir-se com a pompa que não lhe cabe), Rúben precisava de combater o pânico de palco com o sentar-se a sós durante uns bons minutos e uma certa dose de álcool. A única coisa que o unia com os colegas do teatro (coisa tão única que depressa se desfazia) consistia em considerar mania de artista o ter de fazer frente ao ofício através dum método decadente.

“Palhaçada” murmura Rúben para consigo, ao chegar ao centro de saúde onde antes ficava essa esplanada.

O teatro esse, mau-grado as eternas dificuldades das artes, continua no mesmo sítio. O segredo da subsistência só o era para quem estivesse desprovido de dois dedos de testa: a programação de acordo com as cores políticas do município. Por um lado, recebiam os respetivos fundos, por outro garantiam receitas e plateias. Ciclo mais que vicioso – mafioso e vergonhoso.

Os atores, que, entretanto deixaram de ser amadores e abraçaram a profissão do palco, ainda lá continuavam, na luta para manter o teatro aberto. Como, a alguns metros dali, os operários faziam de tudo para que não fechassem as fábricas. O contexto era de crise e tocava a todos o tipo de obras, inclusive as de arte. E todos que se encontravam nesses eventos de protesto, em que o inimigo era um monstro de três cabeças, o governo, a Europa e a América, em suma o Ocidente, que diziam ser péssimo, em contraste com o Oriente, esse continente que só conheciam do atlas, mas de que poderiam assegurar se tratar do melhor dos mundos possíveis.